

Alice no telhado

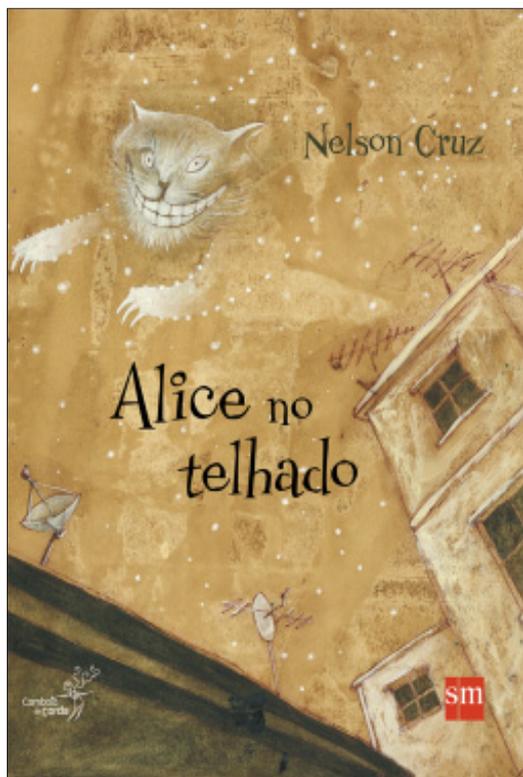
Nelson Cruz

Ilustrações Nelson Cruz

Temas abordados Imaginação e criatividade • Leitura • Fantasia



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



32 páginas



O AUTOR Quando garoto, **Nelson Cruz** gostava de desenhar na terra com gravetos. Ao longo da vida fez apenas um curso de pintura, nada mais. Nascido em Belo Horizonte, em 1957, foi ajudante de marceneiro, vendedor no comércio e programador visual num banco, mas sempre reservava um tempinho para desenhar e pintar. Seu talento acabou levando-o a trabalhar como ilustrador em jornais e revistas. Nos anos 1980, Nelson começou a ilustrar livros infantis e tornou-se um dos grandes nomes nessa área. Recebeu diversos prêmios por sua obra, como o de Melhor Ilustração (Hors-Concours) em 2003 para *Conto de escola*, de Machado de Assis, concedido pela FNLIJ. Além de ilustrador, tornou-se renomado escritor. Seu livro *Os herdeiros do lobo* (Edições SM) recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil em 2010. Publicou também *O caso do Saci* e *No longe dos Gerais* (ambos de 2004). Em parceria com sua mulher, Marilda Castanha, é autor de *Dirceu e Marília*, *Chica e João e Bárbara* e *Alvarenga*. Atualmente, Nelson vive em Santa Luzia, cidade próxima de Belo Horizonte.

LEWIS CARROLL

Esse é o pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, exigente professor de matemática da Universidade de Oxford, homem religioso, autor de livros de álgebra e geometria, poeta e fotógrafo. Ele nasceu em Daresbury, no condado de Cheshire, Inglaterra, em 1832, numa família anglicana. Desde pequeno, gostava de poesia e divertia seus irmãos com teatro de marionetes. Mesmo na vida adulta, lecionando ciências exatas, não perdeu o gosto pela fabulação. Uma de suas diversões era contar histórias para as três filhas de seu colega em Oxford, o reverendo Henry Liddell, diretor da Christ Church, onde ele lecionava. A obra pela qual tornou-se mundialmente conhecido nasceu desse modo, em 1862, durante um passeio no rio Tâmisa, em companhia de Alice Liddell, então com dez anos, e suas irmãs. Na ocasião, Dodgson contou a história da menina Alice, que, ao cair na toca de um coelho, ia parar num mundo fantástico. A garota real gostou tanto da história que lhe pediu que a escrevesse. Ele assim o fez, e em 1862 estava pronto o manuscrito de noventa páginas intitulado *As aventuras de Alice debaixo da terra*. Estimulado por amigos, decidiu publicá-lo. Acrescentou dois capítulos (sobre o Gato de Cheshire e o Chapeleiro Maluco), eliminou referências familiares e mudou o título para *Alice no país das maravilhas*. Em 1865, o livro foi lançado. Sua continuação, *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, veio em 1871. Escreveu ainda o romance *Sílvia e Bruno* (1889), entre outras obras ficcionais, matemáticas e lógicas. Morreu em 1898, em Guildford.

O LIVRO

Tudo começa com um círculo pincelado numa folha em branco. É a partir dessa forma, a mais perfeita de todas, que Nelson começa a narração de *Alice no telhado*. O livro, que se lê como o relato de um artista espantado com a invasão de personagens da história de *Alice no país das maravilhas*, de **Lewis Carroll**, que brotam das páginas, proporciona ao leitor não só uma aventura prazerosa, com desenhos belíssimos, mas o convida a conhecer o mundo da criação artística.

Como nascem as histórias que vamos contar? Qual o primeiro passo? E se não tivermos nenhuma ideia que valha a pena escrever? Certa vez, o poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968) disse que a magia das crônicas de Rubem Braga (1913-1990) vinha de uma espécie de puxa-puxa, de “palavra puxa palavra”. Do nada, da falta total de assunto, a crônica ia brotando. No livro de Nelson Cruz essa falta de ideia é simbolizada por um círculo. O artista, debruçado sobre seus papéis, traça uma circunferência na folha e a abandona. Cansado, acaba cochilando ali mesmo onde estava: diante de seu círculo mágico.





É assim que começa *Alice no telhado*, da junção de um círculo e de uma cochilada, um sono que de repente invade o narrador. Seria exagero, nesse caso, analisar a simbologia do círculo em toda a sua consequência histórica e o significado profundo, psicanalítico, do sonho. Mas esses dois elementos são o ponto de partida para uma nova fabulação. E não qualquer uma: trata-se de uma história em que personagens famosos da literatura invadem as páginas em branco do narrador-autor.

Na história de Nelson Cruz, esse círculo se torna um buraco mágico, uma espécie de passagem para os seres da imaginação, da ficção. É aí que toda a narrativa vai brotar. O narrador nos conta que, sem inspiração, acabou adormecendo: “Um entorpecimento relaxou meus ombros fazendo o pincel deslizar entre os dedos e rolar sobre os papéis. As pálpebras fecharam lentamente. De repente, de dentro daquela sonolência, ouvi um grito:

– COEEEEELHOOOO!!!” (p. 4).

É como se naquele momento de entorpecimento, de relaxamento do corpo, ele adentrasse um mundo imaginário, que, por sua vez, invade o mundo real nas figuras dos personagens de Lewis Carroll. Não podemos deixar de notar esse encontro que cria o espaço completo da fantasia: de um lado, o homem que, ao relaxar, permite que toda uma série de acontecimentos imaginários aconteça; de outro, os personagens ficcionais que, com essa permissão, invadem seu mundo, ganham vida própria e partem para a aventura.

Lá vem o Coelho Branco saindo do buraco e correndo pelas folhas quadriculadas, como se pode perceber nos desenhos de Cruz. As próprias ilustrações jogam com esses dois mundos: o real dos papéis quadriculados, envelhecidos, e o imaginário na figura do Coelho de Alice, com seu casaco vermelho, gravata-borboleta verde, óculos e o imenso relógio de bolso. Logo em seguida, saindo do mesmo círculo, que é um poço às avessas, vem Alice, procurando o Coelho, depois, o Chapeleiro Maluco, os soldados, o Rei e a Rainha etc. O narrador, agora, passa a ser também ele um espectador dessa perseguição, numa espécie de desenho animado.

Mas o narrador não se encontra dentro de um livro de Carroll. Ao contrário, os personagens é que invadem sua imaginação e assim entram em seu mundo, em sua realidade. Tanto é que, a começar pelo título, Alice se desloca por outra paisagem, tipicamente brasileira, com casas simples encarapitadas no morro, como numa favela. E a perseguição se dá pelos telhados desse espaço urbano apinhado de fios e antenas nas lajes, encontrados na periferia das grandes cidades brasileiras.

HISTÓRIAS PARALELAS

Como lembra Nelson Cruz na página final do livro, na parte dedicada a sua apresentação, a motivação para contar essa história “veio dos personagens de uma das mais inventivas obras da literatura universal, *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll”. E há paralelos notáveis entre o clássico da literatura infantil e o livro de Cruz, além, é claro, dos personagens.

Em primeiro lugar, podemos destacar a situação inicial da narrativa: o estado de sonolência no qual se encontra o narrador nas primeiras linhas. Tanto em *Alice no país das maravilhas* como em sua continuação – *Através do espelho e o que Alice encontrou lá* –, duas das principais obras de Carroll, as histórias se passam como se fossem um sonho. Na primeira, Carroll fala em “viagem-sonho”:

*Logo mais se calam, de súbito,
E vão seguindo em fantasia
A **viagem-sonho** da heroína
No país de assombro e magia
Em alegre charla com os bichos.
E creem um pouco na utopia.*

Na segunda – *Através do espelho* –, também na forma de poema, que funciona como uma dedicatória, ele fala em “conto-sonho”:

*Criança de frente pura e luminosa,
E olhos sonhadores, espantados:
Embora escorram as horas ociosas
E meia vida nos torne separados,
Teu rosto – é certo – acolherá risonho
Essa oferta de amor: um **conto-sonho**.¹*

¹ CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas/ Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980, p. 39 e 138, respectivamente.

Na história de Nelson Cruz, como dito antes, o sono também se presentifica sem o leitor saber exatamente se aquilo que está acontecendo é ou não um estado onírico. No caso de Carroll, ele só nos fala em sonho no poema inicial e no final de cada narrativa. Em Cruz, o mistério fica em suspenso para o leitor. A passagem da realidade para a ficção é bem sutil. O grito que ele ouve vem “de dentro daquela sonolência” e não de fora. Não é um grito que o desperta.

Assim como em Carroll, no livro de Nelson Cruz o sonho não significa a entrada no mundo inconsciente, como entende a psicanálise. Ele tem outra função: faz a ligação entre realidade e fantasia. E o jogo é cada vez mais complexo. Nesse caso, Alice seria um sonho do narrador? Ou o narrador seria um sonho da personagem Alice? A brincadeira de sentidos fica para a fruição do leitor.

Num ensaio sobre Lewis Carroll,² o escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) lembra a situação do sonho dentro do sonho em *Através do espelho*: “Alice sonha com o Rei Vermelho, que a está sonhando, e alguém lhe avisa que, se o Rei acordar, ela irá apagar-se como uma vela, porque não passa de um sonho do Rei que ela está sonhando”.



² “Lewis Carroll: obras completas”, em *Prólogos com um prólogo de prólogos*. Jorge Luis Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No caso de *Alice no telhado*, o narrador também tem em suas mãos o destino da menina. A certa altura, ele lança para a lixeira a primeira página da história, a do círculo. Sem essa página, a menina e seus companheiros ficarão presos para sempre no cenário de casas e telhados. E ele decide, já no final, recolocar a página, garantindo a salvação de todos e o retorno dos personagens ao mundo da ficção.

Em segundo lugar, está essa rica imagem do “poço da imaginação”, como dizia Carroll sobre *Alice no país das maravilhas*. Como se sabe, Alice, depois de ter visto o Coelho Branco de olhos róseos, sai atrás dele, ardendo de curiosidade, e entra numa grande toca. É quando o mundo mágico começa. Em *Através do espelho*, Alice, conversando com sua gatinha, Kitty, se pergunta como seria a vida na Casa do Espelho e acaba atravessando para o outro lado. Não é uma toca nem um círculo, mas igualmente uma passagem de um mundo para outro.

Como dizia o poeta pernambucano Sebastião Uchoa Leite (1935-2003), tradutor apaixonado das duas histórias de Alice, no ensaio “O que a tartaruga disse a Lewis Carroll” (1980), entrar na toca e atravessar o espelho funcionam como “rito de passagem entre dois universos, o real e o não real”. Nelson Cruz propõe, com seu círculo desenhado no papel, outro jogo para o leitor: uma espécie de poço ao contrário. Não podemos esquecer que estamos, sempre, dentro do mundo da ficção, ou seja, da invenção. Ele nos propõe a passagem inversa do não real para o real. Dizendo em outras palavras: do não real dos personagens, todos nascidos na ficção de Carroll, para o real do narrador, com seus papéis de desenho e seu cenário de casas e telhados.

Em terceiro e último lugar, devemos destacar a presença central do Gato de Cheshire. Na história original, ele ocupa um papel importante: indicar à menina que caminho ela deverá seguir. “Podia me dizer, por favor, qual o caminho pra sair daqui?”, pergunta Alice. E a resposta do Gato, seguindo a lógica da pergunta, é: “Isso depende muito do lugar para onde você quer ir”. A conversa continua nessa toada: “Não importa muito aonde...”, diz Alice. “Nesse caso não importa por onde vá”, responde o Gato. “...contanto que eu chegue em algum lugar.” E o Gato: “É claro que isso acontecerá, desde que você ande durante algum tempo”. Eles ainda conversam mais um pouco e o Gato desvanece.



ENIGMA LÓGICO, CHARADAS, ADIVINHAS E PARADOXOS

“Qual animal que de manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia anda com duas pernas e à noite anda com três pernas?” A pergunta que o Gato faz a Alice no livro de Nelson Cruz (p. 18) é um enigma muito antigo. Está presente na tragédia *Édipo rei*, de Sófocles (497 ou 496 a.C.-406 ou 405 a.C.), escrita e encenada no século V a.C. na Grécia. A resposta para ela é “o ser humano”. Por que demoramos a perceber? Porque a pergunta começa com “qual animal...” e nos acostumamos a pensar nos humanos como seres dotados de uma natureza diferente da dos animais. *Alice no país das maravilhas* tem muitos enigmas lógicos. Lewis Carroll adorava enigmas, talvez por ser matemático e ter estudado lógica, um ramo da matemática. Veja um exemplo: “Por que o corvo se parece com uma escrivainha?”. O Chapeleiro Maluco, que é quem propõe o enigma, não sabe a resposta, o que deixa Alice frustrada, mas também permite que cada leitor tente inventar a sua. O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) praticava outra forma de desafio lógico, a criptografia, que é a escrita em código, muito praticada em diários pessoais por adolescentes para manter as confidências resguardadas de eventuais curiosos. Cria-se uma tabela de correspondências entre as letras do alfabeto e símbolos ou sinais arbitrários, isto é, escolhidos ao acaso. A escrita praticada pelos

Na história de Nelson Cruz, o Gato que sorri também aparece de repente, no meio da história, lançando um **enigma lógico** para a menina (o velho enigma da esfinge, da tragédia grega *Édipo rei*, de Sófocles) e depois respondendo à questão “Como posso sair desse lugar?”: “Ora, é fácil, siga em qualquer direção...” (p. 19). Mas aqui ele é tomado como uma “constelação-gato”, mostrando apenas a cabeça, para só depois aparecer de corpo inteiro em cima de uma antena de tevê. Apesar disso, ele ajudará Alice a procurar o Coelho para sair dali.

A aproximação entre as narrativas ajuda a perceber quanto a história de Nelson Cruz é baseada em *Alice*, de Carroll. Não se trata de uma releitura, de outra interpretação pelo caminho da criatividade. Nada disso: ele parte de uma situação muito concreta, a falta de inspiração, e lança mão da tradição da literatura infantil para criar outra história, mas colocando Alice dentro de seu universo pessoal, de ilustrador, e numa realidade que é a sua, a brasileira.

Cruz faz a ficção da ficção, encaixando os personagens de Carroll em outra aventura. Uma história puxa a outra. Com isso, ele coloca o leitor dentro do próprio universo criativo, como ele mesmo menciona neste livro: “Costumo tirar as ideias para o que escrevo de leituras, de observações de situações variadas, de obras de arte e de imagens em geral” (p. 31). O próprio mundo ficcional de Carroll acabou despertando no autor o desejo de outra narração.

egípcios por meio de sinais chamados hieróglifos é considerada por alguns estudiosos uma forma de criptografia. O budismo japonês criou um tipo de enigma chamado *koan*. Trata-se de uma pequena questão que não admite nenhuma resposta lógica. O *koan* mais famoso de todos é: “O choque de duas mãos abertas produz o som que chamamos de palma. Qual o som produzido pelo choque de uma única mão?”. Há também outro tipo de enigma, o paradoxo, que não admite solução, como: “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”.

ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS

O cinema e o desenho animado já se apropriaram muitas vezes da história de Alice. A primeira adaptação de *Alice no país das maravilhas* para o cinema foi feita em 1903. O filme, que tinha apenas doze minutos (dos quais hoje restam apenas oito), foi dirigido por Cecil Hepworth e Percy Stow e tomou as famosas ilustrações de John Tenniel como modelo. De lá para cá, várias outras adaptações foram feitas, como o desenho de Walt Disney (1951) e, mais recentemente, o filme de Tim Burton (2010). Há muitas outras. Todas as produções sempre procuram adaptar a história original, como também imaginar os personagens.

A DUPLA LEITURA

Certamente, o ilustrador e escritor Nelson Cruz pesquisou todo o rico arquivo de imagens sobre Alice – boa parte dele disponível na internet – para criar seus desenhos, como as gravuras de John Tenniel (1820-1914), que ilustrou as obras originais de Lewis Carroll, ou as **adaptações cinematográficas** de Walt Disney e Tim Burton.

Cruz é um pesquisador incansável. Para fazer seus livros, ele costuma ir fundo na pesquisa das imagens. Por exemplo, para *Chica e João* (Cosac Naify, 2008) – que trata dos amores de Chica da Silva, uma escrava alforriada que viveu no Tijuco (hoje Diamantina) no século XVIII –, além da pesquisa histórica sobre Minas Gerais no período colonial brasileiro, Cruz buscou inspiração nas litogravuras do alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) para fazer as ilustrações. Já para *Conto de escola*, de Machado de Assis, pesquisou fotografias do Rio de Janeiro no século XIX.

No caso de *Alice no telhado*, o que logo chama atenção é sua versão da personagem Alice, que não se parece em nada com as outras que normalmente figuram nos livros ilustrados ou nos filmes. Para construí-la, Cruz tomou como modelo a fotografia da menina Alice Liddell, que inspirou Lewis Carroll, tirada pelo próprio escritor. Nas páginas iniciais do livro, o leitor encontra uma série de esboços tanto de Alice, tomando a foto como base, como de Carroll, em alguns momentos de sua vida.

Além dos personagens, o cenário escolhido pelo escritor mineiro é muito bonito e ilustrativo de seu trabalho artístico. Há o círculo inicial, de onde o primeiro a sair é o Coelho Branco. Depois, vêm Alice e os outros. Mas o fundo das ilustrações, no começo, é feito de folhas quadriculadas ou manchadas, fazendo referência à mesa do desenhista que cochila. O leitor é colocado sobre essa mesa, com os papéis. Só no meio do livro é que os personagens se encontram em outro cenário: a cidade no morro, com seus telhados e antenas. E só no final eles retornam às folhas e ao círculo original, fechando a narrativa.

A maneira de abordar as ilustrações faz com que o leitor participe duplamente da história: primeiro, colocando-se no lugar do narrador, em sua mesa de trabalho; depois, como espectador dessa espécie de desenho animado de Alice à procura do Coelho pelas páginas e telhados da cidade.





NA SALA DE AULA

Nelson Cruz escreveu uma ficção da ficção. Com isso, além de sua narrativa, ele convida o leitor a falar sobre as aventuras de Alice. Também trata da “falta de inspiração”: onde buscar ideias para uma história? Por esse motivo, várias atividades podem ser propostas para os alunos:

- A primeira delas é estender o convite do escritor mineiro aos alunos e conversar sobre os livros de Carroll, sobre a menina Alice e também sobre as adaptações, como as do cinema. Como nem todos os alunos terão lido *Alice no país das maravilhas*, as adaptações podem ajudar a trazer elementos para a conversa, até mesmo discutindo o que é uma adaptação. Vale, ainda, comparar os retratos das páginas 2 e 3 com as fotografias reais de Lewis Carroll e Alice Liddell.
- Por meio da observação das ilustrações de Nelson Cruz, sugere-se uma atividade explorando as possibilidades de simulação de papel envelhecido, isto é, com a aplicação, por exemplo, de café, chá ou outros pigmentos sobre folhas de caderno. Essa primeira etapa, mais prática, pode ser seguida de uma atividade de produção de texto explorando a carta como um dos gêneros do discurso (quais as partes de uma carta? Como se começa e como se conclui uma correspondência? Embora não escrevamos mais muitas cartas, seus aspectos formais continuam a ser utilizados no mundo da comunicação eletrônica) – por exemplo, de um avô para um neto ou de um personagem de ficção para outro. Pode-se pedir aos alunos que tentem trazer cartas familiares antigas para observar as características do envelhecimento real do papel. Para começar a pesquisa, sugere-se a leitura da página “Como envelhecer papel – passo a passo”, no endereço: <http://melzamel0.blogspot.com/2009/06/como-envelhecer-papel-passo-passo.html>.
- O livro de Cruz também trata de outro assunto importante: o mundo da criação. Como é criar uma história? O que faz um autor quando está sem ideia para criar? Nesse caso, o professor pode fazer uma enquete com seus alunos em sala de aula: em quais histórias eles buscariam inspiração? Nelson Cruz buscou nas aventuras de Alice. O professor anota as respostas para formar grupos de trabalho. Depois, mostrando as ilustrações de Nelson Cruz, trabalha com os

alunos o cenário criado para a narrativa – uma paisagem brasileira, com casas no morro e telhados – e sugere que escolham um cenário para seus personagens. Por fim, havendo os personagens e o cenário, os alunos, em grupo, conversam e criam oralmente sua história.

DICAS

LIVROS

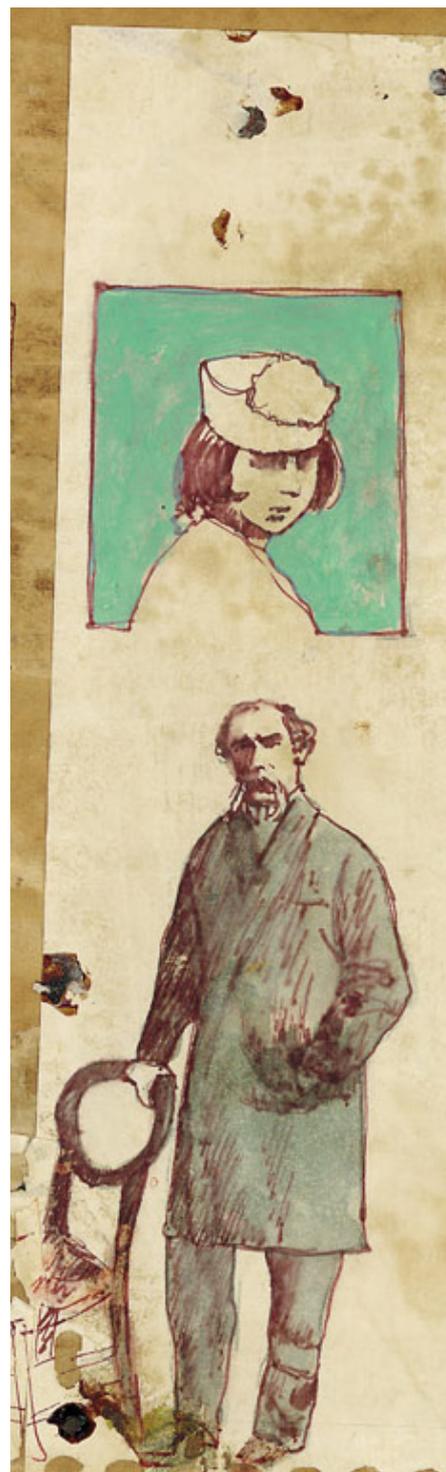
- CALVO, Mercedes. *Os espelhos de Ana Clara*. Ilustrações de Fernando Vilela. São Paulo: Edições SM, 2011.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas/ Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

FILMES

- *Alice no país das maravilhas*. EUA, 1951. Produção: Walt Disney Animation Studios. 75 min. A animação voltou a fazer sucesso nos anos 1970. Disponível em DVD.
- *Alice no país das maravilhas*. EUA, 2010. Direção: Tim Burton. 109 min. Com Johnny Depp no papel de Chapeleiro Maluco e Mia Wasikowska no de Alice, a história começa quando Alice já está com 19 anos. Disponível em DVD.

INTERNET

- É possível assistir à primeira versão cinematográfica de *Alice in Wonderland*, feita em 1903 e restaurada nos anos 2000, em: <http://youtu.be/zeIXfdogJbA>
- As ilustrações feitas por John Tenniel, o primeiro ilustrador de *Alice*, podem ser encontradas no site: <http://www.johntenniel.com>
- Sobre Nelson Cruz, pode-se consultar seu blog, com muitas ilustrações de suas obras: <http://nelsoncruzilustrador.blogspot.com>



ELABORAÇÃO DO GUIA HEITOR FERRAZ MELLO (POETA, JORNALISTA E EDITOR, AUTOR DOS LIVROS *COISAS IMEDIATAS*) 2004 (E *BICHOS DA CIDADE* (POEMAS PARA CRIANÇAS, 2012), ENTRE OUTROS); PREPARAÇÃO IURI PEREIRA; REVISÃO MARCIA MENIN.